

Mensalando: entre a morfologia e a política[#]

Por Américo Venâncio Lopes Machado Filho

No embalo da capacidade extremamente criativa da população brasileira, sobretudo no pronto e imediato reconhecimento, por oitiva, da força da morfologia derivacional do português, que tem, inopinadamente e reiteradamente, sido veiculada pela mídia, e não menos obstante o recursivo uso do tão predileto gerundismo empregado neste título – bastante eficaz e muito recorrente no português brasileiro, mas pouco produtivo e até criticado no português europeu –, não se pode omitir de comentar os últimos acontecimentos relacionados à língua portuguesa e sua relação com o cenário político, sob pena de extrema-unção sociolinguística.

Tem-se plena noção de quanto é possível se acusar o autor de tanta sequente e imediata endorreira e de tão estrambótico casamento entre morfologia e política, mas o presente cenário nacional não se parece prestar a menos.

Do temido e divulgado **mensalão**, parte-se, agora, para o **mensalinho**, em que se sufixam – desde a Câmara à camarilha – as diferentes cifras de propinas dos interesses pessoais, arroladas em malas, envelopes ou outras peças ainda mais íntimas. Embora deveras desiguais no volume, bastante profícuas no seu espectro de ação.

A morfologia derivacional em língua portuguesa é, como se sabe, um inventário aberto.

Diferentemente da flexão, que obedece a uma gama restrita de possibilidades desinenciais, a derivação submete-se, grosso modo, muito mais à norma sociolinguística do que a seu sistema, isto é, sua implementação depende muito mais da aceitação da comunidade de fala sobre a criatividade individual de que de outro âmbito da língua.

Não se sabe ao certo quem primeiro morfologizou (e aí há de se desculpar o neologismo, já que o hábito acaba por fazer o monge) o que veio a substituir o termo dicionarizado no português para práticas de recebimento mensal, o já quiçá antiquado e ultrapassado substantivo **mesada**.

[#] Originalmente publicado no Suplemento Cultural do Jornal A TARDE, de 15 de outubro de 2005, p. 04

Como não se pode pressupor uma sociedade alijada de um pouco de história, se se considerar a base mórfica que deu origem ao **mensalão** e ao **mensalinho**, há de se verificar que ambos provêm do radical **mensal**, que, por seu turno, deriva do latim *mensuālis-e*, de *mensis-is*, cuja significação no português é a mesma, ou seja, 'mês'.

Interessante notar que os sufixos modificadores **-ão** e **-inho**, usados para distribuir a faixa de rentabilidade dos envolvidos no escândalo, servem de reforço para a profusa lista de fatos que têm demonstrado a distância que se tem, progressivamente, implementado entre o português brasileiro e o europeu, sobretudo nos aspectos de seus usos morfológicos.

Para os portugueses, uma das restrições para a derivação por sufixos avaliativos, como os supracitados, é a impossibilidade de serem utilizados junto a palavras atemáticas, isto é, oxítonas ou nomes que no singular terminam em **-l**, **-r** e **-s**, em que duplamente se insere o radical **mensal**, aqui observado.

Segundo as gramáticas portuguesas, mesmo aquelas consideradas como pouco normativistas ou até de certa forma descritivistas, nesses casos a sufixação possível haveria de ser **mensalzão** e **mensalzinho**, que se há de convir, nada ao gosto das práticas linguísticas brasileiras.

Não obstante todas essas considerações, curioso será se a impunidade perdurar no panorama político brasileiro e o assunto tiver de retornar reincidentemente à mídia. Então, se terá que, nessa oportunidade, compreender mais um termo da morfologia derivacional, que seja a **parassíntese**, já que se haverá de recorrer concomitantemente ao recurso da prefixação e da sufixação, nos prováveis e não menos criativos **remensalão** e **remensalinho**.